

# *Ocara: um cemitério que não morre*

Martine Suzanne Kunz

Universidade Federal do Ceará

## RESUMO:

Este texto se propõe a relatar e refletir sobre a festa do dia de finados em Ocara - Ceará, a partir de trabalho de campo e de entrevistas com vários moradores da cidade, realizados no ano de 1989/1990.

## PALAVRAS-CHAVE:

Ocara, finados, morte, sexo.

## RÉSUMÉ:

Ce texte propose un compte rendu réflexif de la fête de la Toussaint à Ocara – Ceará, à partir d'une observation sur le terrain et d'interviews de divers habitants de la ville, réalisées en 1989.

## MOTS-CLÉS:

Ocara, toussaint, mort, sexe.

O texto *Ocara – Um cemitério que não morre* relata a festa de Finados que acontece nos dias 1º e 2 de novembro (dia de Todos os Santos e dia de Finados, respectivamente) no município de Ocara<sup>1</sup>, cidade do interior do Ceará, distante uns 90km de Fortaleza, a capital do Estado. Esse texto teve sua origem no acervo de entrevistas coletadas nos anos de 1989 e 1990, por uma equipe de pesquisadores da Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Ceará, integrantes do projeto intitulado *Atlas das festas e folguedos populares do Ceará*, coordenado por Oswald Barroso. O referido arquivo encontra-se no Museu da Imagem e do Som da Secult/CE e contempla testemunhos de representantes dos diversos setores envolvidos na festa (moradores e forasteiros, agricultores e comerciantes, Igreja e poder público). Naquela época, não foram encontradas fontes documentais escritas

acerca da festa, portanto o texto ora apresentado pautou-se exclusivamente sobre os depoimentos orais colhidos e a observação *in loco*.

Em 1989, quando estive em Ocara junto com o também pesquisador Edvar Costa, a festa de Finados ou Festa das Mulheres, que é como as pessoas da Vila São Marcos se referiam a ela, não era quase conhecida. Edvar Costa tinha ouvido falar da festa, na década de 80, quando trabalhava no Movimento de Educação de Base – MEB e depois na Equipe de Assessoria às Comunidades Rurais – EACR, na Arquidiocese de Fortaleza. E foi assim que tudo começou. Edvar fez a proposta de incluir a festa de Ocara no roteiro do projeto do qual eu participava, e então fomos lá em 1989.

Quanto a mim, nunca me tinha debruçado sobre a problemática das atitudes frente à morte, seja nas sociedades cristãs ocidentais ou em outros universos culturais. Do culto dos mortos só conhecia aquilo que tinha vivenciado até então. Trazia da França alguma memória de um ritual que nem percebia ao certo como prática religiosa.

O dia de Finados na França confunde-se praticamente com a festa de Todos os Santos e a visita ao cemitério acontece em geral no dia 1º de novembro. O cemitério da minha terra natal era cenário de compaixão e de piedade pelos mortos, o clima era de recolhimento e falas baixas. Passado o portão do cemitério, todo mundo parecia obedecer ao mesmo código de comportamento, como se tivesse alguma convenção teatral e em torno de cada túmulo, um espaço de veneração a não transpor. O cheiro ferruginoso dos crisântemos impregnava o ar e o frio cinzento de novembro apressava as rezas.

Poucos dias depois, em 11 de novembro, na minha cidade e em qualquer aldeia francesa onde houvesse um monumento aos mortos, celebrava-se o armistício da Grande Guerra de 14-18. Dessa vez, o patriotismo imperava. Mortos e vivos eram vitoriosos. Enquanto neta do prefeito, na década de 1960, me colocaram várias vezes na frente do cortejo, levando a coroa de flores em homenagem aos soldados mortos, ao som do hino nacional da França, com a faixa *bleu blanc rouge* cruzando o meu peito e o mau humor resolutivo cerrando meus lábios.

Muito mais tarde, já morando em Paris, aprendi a geografia do sonho frente à morte, a cada passeio no velho e poético cemitério do Père-Lachaise. Visitava os amantes lendários Heloisa e Abelardo deitados na pedra, o retalho de jardim de Paul Eluard, as flores de Edith Piaf, a graça de Chopin e a sobriedade de Proust, os beijos deixados no túmulo esculpido

de Oscar Wilde e o muro dos federados. O muro do Père-Lachaise sem cruz nem capela, onde caiu fuzilada a insurreição popular da Comuna de Paris, em 1871.

São esses fragmentos díspares da memória da morte que trazia comigo. A festa de Ocara não me permitiria uma reflexão mais compacta, coerente e harmoniosa a respeito do assunto.

Como em qualquer festividade, verifica-se em Ocara o embate entre as diversas forças sociais em jogo: religiosa, política, econômica, sexual. Os conflitos são vários e existem no tempo, transformam-se. A festa é um corpo que se move e se modifica, sua dinâmica nos leva sempre a reformular equações, tensões.

Voltei em Ocara em 1992, curiosa para ver se a festa de Finados tinha minguado ou crescido e que novos elementos ela teria incorporado. A quadra do Bento e seu forró tinham sido desativados. Agora tinha clubes promovendo shows e bailes, e as “mulheres da vida” atendiam no campo de *football*. O padre e a polícia não as queriam por perto do centro da cidade.

Ifigênia Correia Lopes, tesoureira do conselho administrativo da paróquia e membro de uma família tradicional de Ocara, me reconfirmou com veemência que a festa não era **da** cidade, mas **na** cidade:

Nós que já nascemos aqui, convivemos com essa festa. Não é nós que faz a festa, nós assiste a festa. Quem faz a festa é o povo que vem de fora aí. Nós da Ocara não se encontramos no mesmo dia com esse povo lá no cemitério, porque o nosso ritual é diferente do deles, nós deixamos pra nossa festa do dia de Finados, pra rezar, acender nossas velas, rezar nossos terços. Nós fazemos isso no dia 2 mesmo.

Em 2003, voltei novamente, desta vez no intuito de conferir a festa na companhia de Maria Auricelia Alves, nascida e residente em Ocara, que desenvolvia um trabalho de pesquisa sob minha orientação.<sup>2</sup>

O “Finado que dá gosto” de alguns anos atrás abrigava uma grande feira livre de bijuteria e penicos, sapatos e panelas. Caso quisesse uma imagem de santo, não ia encontrar nunca. O *Sunshine* Clube em Ocara rivalizava com o Centro Sócio Cultural da comunidade da Vila São Marcos no quesito banda de maior prestígio. O parque de diversões funcionava a todo vapor, os jogos de azar esquentavam as apostas. Mal se podia conversar, um forró em



cada esquina, botequim ou carro. Em frente à Ótica Veneza, duas torres de som emouqueciam o juízo do público e uma coreografia dos diabos regravava o gestual dos dançarinos que, lá no alto das torres, pegavam nas suas genitálias com gostosura e ritmo. Era o grande ponto de animação. Enquanto isso, o Boi Coração esperava no meio-fio da rodovia um xote que ninguém tocava. Os bonecos de mamulengo de imburana e pano feitos por Wagner Santos aguardavam a mão do mestre bonequeiro e mestre de boi e filho de Ocara e sobrinho do finado-mor Pedro Boca Rica. Pois “o bonequeiro é o único que ressuscita os mortos” dizia ele.

O mulhierio daquele ano, após ter procurado um local para se acomodar, acabou optando pelo mesmo dos últimos dois anos. Um terreno de acesso difícil, com cerca de pau a pique e situado em um beco afastado do centro. Lá dentro acenderam fogueiras para iluminar, botaram umas mesas para vender churrasco e bebidas.

Vizinho ao cemitério, o templo da Igreja Católica Ortodoxa estava em construção.

Dizem que, aquele ano, a festa foi um sucesso. A divulgação do festejo vinha sendo feita desde outubro via faixas, cartazes, jornais, rádios e carros de som. A prefeitura tinha conseguido burlar o calendário nacional deslocando o Dia da Cultura previsto para o 5 de novembro e promulgando a lei segundo a qual o dia 1º de novembro ficava oficialmente como o Dia da Cultura do município de Ocara.

Pensei nos dançarinos das torres de som e concluí que o sexo não era mais tabu em Ocara. Em seguida nas “pombinhas” arranchadas no mato, fazendo sexo no “pombal” improvisado, sem a mínima infra-estrutura, e tive que admitir que não era bem assim. Enfim, me lembrei que houve um tempo em que a Festa de Finados era também chamada de Festa das Mulheres e que de agora em diante seria o Dia da Cultura. Então desisti de entender, afinal explicar empobrece o sentido das coisas.

Eis a seguir o relato de 1989 da festa de Ocara, uma trama de pequenas coisas, atrás dessas aparências, motivações que permanecem opacas, talvez profundas. Não precisa ser tanatólogo para vislumbrar, nesse jogo de espelhos entre vivos e mortos, que a atitude frente à morte remete à idéia que a gente tem de si e do outro; e verificar mais uma vez que a eterna justa entre Eros e Tânatos traduz a nossa dificuldade de encarar um e outro de frente.

A religião é um grande sonho.

O sonho não é menos; o sonho é mais.

Rubem Alves

A comemoração tem data marcada, invariável. O tempo é sagrado, imutável. É dia de Todos os Santos e dia de Finados em Ocara. No entanto, a festa introduz a ruptura na linearidade, irrompe no cotidiano e perturba as regras habituais de vida da pequena cidade interiorana.

Em outras latitudes, o culto dos mortos é marcado pela tristeza outonal. Em Ocara, a festa se dá em plena luz do verão, “na força da castanha”, quando ainda tem cajus a catar nos quintais. Durante esses dois dias, os guardiões, oficiais ou não, de uma ortodoxia moral e ritual, defrontam-se com um catolicismo imprevisível nas suas manifestações. Ao invés de juntar a população em torno de um dos problemas cruciais da existência, a morte e seus rituais geralmente codificados e respeitados, a festa revela comportamentos heterogêneos convivendo em clima de tolerância forçada. Quem estiver à procura de uma celebração eminentemente cristã e de missas solenes permanecerá sem a pompa litúrgica esperada.

Até o padre ficou admirado quando chegou ao lugar: “Essa festa aqui me pareceu estranha. No primeiro ano apenas eu fiquei observando. Aqui não costumava celebrar e a festa não tinha nada de religioso, só a visita ao cemitério”<sup>3</sup>. Padre Eudásio prossegue citando os pontos estratégicos da festa. De fato, que os santos perdoem, a concorrência é múltipla: as bancas de jogo, o parque, o comércio, o forró, as “primas” acampadas no cajueiral do Bento e o cemitério, agregados no espaço restrito do centro da cidade, em que sagrado e profano contaminam-se um pelo outro, são templos abertos onde se aposta no dinheiro, no sexo ou no gozo eterno no seio de Deus. “É uma festa pra todo mundo, né? Pra quem vai rezar, pra quem vai namorar, pra quem vai acender vela e pra quem vai... lá pra quadra do Bento, né? Dá pra todos!”<sup>4</sup>

É o beco de Santo Antônio que nos leva à quadra do Bento. Ironia toponímica, malícia dos homens ou indulgência do santo? Em todo caso, na passagem noturna do dia de Todos os Santos para a celebração de Finados, o prestigiado santo casamenteiro não será chamado para exercer seus poderes. E também não lhe valerá de nada, nessa “noite de perdição”, a sua



afamada habilidade de encontrar o que se perdeu. Quem sabe São Gonçalo do Amarante, santo português do século XIII, protetor das prostitutas, estivesse rondando o beco de seu conterrâneo, fantasiado de mulher, dançando e cantando, sonhando em converter as “primas”. Elas vieram por conta própria, de Fortaleza, de Quixadá, de Pacajus, de todo canto, para ganhar o pão, oferecendo prazeres efêmeros com sabor de licenciosidade forasteira.

No cajueiral ciscado e frondoso, ninguém parece se preocupar com o valor da penitência. O chão dos finados e o céu dos santos se refletem no olhar de cristãos pouco preocupados em restringir as suas paixões. Vivos e mortos no mesmo cheiro de mato. Debaixo da copa cúmplice, fertiliza-se a terra, que abriga o cochilo eterno dos que já se foram: “não tem nem quarto, não tem nada, é aí ao relento mesmo, no chão, de qualquer maneira”. “É todo mundo junto que nem jumento, agora boto um tambor d’água pra elas se alimpar”<sup>5</sup>, afirma o dono da “zona” bucólica.

Nessa região, onde o valor das coisas se calcula em arrobas de algodão, sacos de milho e quilos de castanha, muitos denunciam esse comércio sexual como um aspecto, dentre outros, do espírito ganancioso que varre a cidade de repente. É que a festividade incentiva a interferência brutal de situações que acentuam o papel do dinheiro.

Nesses dias, trata-se de gastar o dinheiro das safras e colheitas, para engordar o “apurado” dos que vêm de outros interiores: “o ano passado, não corria quase dinheiro, mas esse ano tá pior porque nem tem castanha e nem tem quase dinheiro.”<sup>6</sup>

Mesmo assim, todos estão presentes na festa de Finados, a fim de angariar alguma coisa; remota e abreviada lembrança talvez de cemitérios medievais ocidentais, em que coexistiam sepultamentos, reuniões públicas, feiras ou comércios, danças e jogos de má fama. O que poderia nos parecer hoje uma promiscuidade indecente, não passava de um convívio tranqüilo, uma familiaridade com os mortos a que Philippe Ariès deu o belo nome de morte *apprivoisée*, domesticada, domada, por oposição à morte *selvagem* de hoje<sup>7</sup>. O autor relaciona esse “sentimento muito antigo e muito duradouro, e muito compacto, de familiaridade com a morte, sem medo nem desespero, a meio caminho entre a resignação passiva e a confiança mística”<sup>8</sup>, com uma concepção coletiva do destino. Ele comenta ainda que o homem das sociedades tradicionais, o da alta Idade Média e o de todas as culturas populares e orais, assimilava, sem muita dificuldade, a idéia que

somos todos mortais. Então, não se trata de indiferença aos mortos, mas de uma forma de recordação mais leve que autoriza pensar que o homem medieval era também familiarizado com sua própria morte. A morte não era a inominável de nossos dias. O destino era aceito, confiava-se nele e os mortos chegavam a ter tanta presença quanto os vivos.

Em Ocara, os vivos são impelidos pelos mortos a trazer suas vendas: os vendedores ambulantes que entre vaquejadas e festas de padroeiros e romarias, vêm armar suas bancas de bijuteria ou confecção, até no pé da calçada da igreja; os jogos de caipira e de amarelinha, os miçangueiros, as barracas de caldo, de café e de bolo, os comerciantes locais, o parque de diversões “pra turma rodar”, o dono do forró, coquistas e violeiros; a igreja que bem queria melhorar suas finanças; o policiamento que não vacila na cobrança das taxas:

... é o dia da festa deles também, e eles conseguem muito dinheiro pro bolso deles. Toda banca de jogo que quer que seja, ela é cobrada por eles. O padre já teve reunido, formou as equipes pra fazer a cobrança onde é o terreno da igreja, num sabe? Mas se é a polícia, eles pagam, se é as pessoas da igreja, eles não querem pagar<sup>9</sup>.

Enfim, tem seu Bento que não arreda o pé do curral onde “mulheres” e fregueses acertam seus namoros. Quem resolver seguir para o cajueiral paga uma taxa, de valor fixo, ao mestre de cerimônia desse lupanar campestre, estendido a céu aberto: “eu tenho que cobrar pela mais feia”, avalia o seu Bento, realista e pragmático, lamentando ter que dividir “o apurado no portão” com o sargento. Quanto às “mulheres”, elas nunca deixariam de comparecer: “Elas começaram a vir porque elas sempre gostam desses lugares que junta muita gente, né? É um meio de atacar os homens que têm dinheiro.”<sup>10</sup> Cada uma fará o seu preço na hora da transação: “tem umas caras e outras mais baratas”, precisa o Bento. Mas enquanto elas não fecham o negócio com ninguém, ficam expostas à vista, arrebanhadas num legítimo “curral de vacas”.

O curral foi a solução encontrada, em 1989, para atender ao pedido do padre e da polícia, ambos preocupados em poupar a respeitabilidade e os preceitos morais das famílias tradicionais de Ocara, município onde não existe nenhum ponto fixo de prostituição, a não ser na noite do dia 1º de novembro de cada ano:



Pra cá só vem em finado – confirma o seu Bento. Antes, elas ficavam do lado de fora, aí o padre achou que era desaforo, porque diz que fica no meio das crianças, das famílias... Também, elas faziam muita novela na rua, aí a polícia meteu bala em gente lá, correu gente pelo meio do mundo, perderam calça, perderam calção... Aí o sargento Silva pediu pra mim dar apoio a elas aqui. Aí eu ajeitei esse curral.

Embora desconfie do caráter pouco lícito da sua iniciativa empresarial, seu Bento não duvida de estar prestando um grande serviço ao compadre Deus:

Rapaz, é errado completo. Mas sob o erro, Deus tem que perdoar porque no meio da rua é mais chafurdado e aqui fica mais reservado, né? Antes, acontecia era no meio da rua, elas andavam perto do cemitério, no campo, na lagoa, por todo canto. Por isso tou pensando que Deus, nessa altura, me dá perdão. Agora, se eu soubesse que Deus não me dava perdão, eu não fazia isso não, mas ele me tem ajudado muito, né? Tou ali mas eu não espero que venha o caboco chegar e me dar um punhado de dinheiro..., eu espero o caboco me dá uma facada, uma pedrada, um tabefe, só espero isso. Eu tou ali, mas tou pedindo a Deus que o dia amanheça pra sair todo mundo, pra eu ficar livre.

Seu Bento intercede por si mesmo, junto a Deus. Nada de intermediário nesse contrato bilateral. Nada de padre ou de santo.

Tudo que eu me pego é com Deus. Só acredito em Deus, eu sou um pastor de Deus, porque eu fui criado como Deus criou batata. Sou uma pedra jogada no meio do mar. Sem pai, sem mãe. Tudo que eu peço a Deus, eu alcanço. Eu era fumador, jogador, bebedor de cachaça, tudo quanto era..., raparigueiro, tudo quanto era ruim eu era. Pedi a todos os santos do mundo, eu pedi pra deixar essas coisas, num teve santo pra mim deixar. Agora procurei em Deus, aí pronto, acabou-se. Não sei mais nada. Santo nenhum é comigo não, só Deus.

O discurso de seu Bento revela um anticlericalismo assumido e põe à mostra o seu relacionamento privilegiado com Deus. Ele não cita um santo de sua devoção, mas demonstra uma disposição ecumênica a toda prova com outras confissões religiosas. Não disfarça a sua misoginia, mas fala das “primas” com bastante compaixão, enumera as múltiplas facetas de sua vida espiritual, coordena uma nova distribuição de papéis e nos deixa confundidos

e perplexos. Desse emaranhado de reflexões, emerge uma convicção “Aqui só se acaba se soltar uma bomba! Mas se não for assim, pode vir padre, pode vir polícia, pode vir o camburão... só se fizer uma cadeia bem grande pra botar todo mundo”. Não há na cidade quem desminta essa persuasão íntima. Todo mundo já sabe que de nada adiantariam pregações moralistas ou medidas repressivas: “até que a gente se convenceu que não tinha jeito, né!” reconhece José Ribeiro.<sup>11</sup> “Todos os santos não gostam” avisa o poeta do lugar, Zé Mitoca, mas o Padre Eudásio explica, com muita boa vontade: “é uma coisa tão rápida que não dá tempo das pessoas reagirem”. Ao que Conceição, membro de uma das famílias mais antigas de Ocara<sup>12</sup> responde, contrapondo uma postura assumida e deliberada de tolerância: “Vai quem quer, né? Não é obrigado.”

De fato, o clima em torno do assunto revela um sentimento misto de tristeza e indulgência. Se o fato não deixa de ser “desconviniente”, as reivindicações moralistas não se exaltam ao ponto de apregoar a eliminação do prostíbulo rústico, o que nos leva a indagar se, além do caráter de profanação, o fato não assumiria outras significações. Embora sabendo que qualquer elaboração de sentido é hipotética e sujeita a controvérsias, a concomitância singular da festa das “primas”, da festa de Todos os Santos e da festa de Finados nos provoca a pensar e repensar Ocara.

Ocara é uma cidade cearense do sertão central, onde se diz: “Ele não é daqui, ele é de fora!” Não é lugar de passagem, nem parada obrigatória de viajantes. A BR-116 passa longe, o rio Choró fica perto, mas corre por fora e a estrada de ferro de Baturité corta Aracoíaba, umas sete léguas a oeste. “Só casava primo com prima... não entrava ninguém de fora aqui”, sentencia Chiquinho Marcos. Não faz tanto tempo assim, uma mulher do povoado se deixou roubar por um rapaz de fora e o fato permaneceu na indelével memória do lugar, atravessada de moralismo e xenofobia.

Acontece que na noite do dia 1º de novembro, a festa é dos forasteiros. “Os do lugar” aguardam a sua chegada. Muitos ficam assustados por causa do número de pessoas que chegam, alguns não saem de casa por medo de roubo, outros dão vazão à sua aversão a pessoas de fora. Há quem se lembra que seu Bento não é daqui, por sua vez o dono do cajueiral, que não quer encrenca, faz questão de ressaltar que tanto as mulheres como a freguesia: “só vem de fora... daqui não tem não.”



Infelizes forasteiros, eles reavivam a tradição quase universal do bode expiatório, resgatada da mais remota antigüidade. O pecado original e coletivo do cajueiral vem livrar a cidade do flagelo da concupiscência. O apetite sexual dos estranhos tem vigor suficiente para arcar com as tendências pecaminosas dos ocarenses, ameaçadoras da ordem social. Na madrugada do dia de Finados, eles vão embora de volta para seus interiores e levam consigo o peso do pecado alheio. Repulsivos, castigados e banidos em segredo pela gente de Ocara, que permanece no seu lugar, aliviada, ancorada na sua resistência às pessoas vindas de outros lugares. Seu Bento confirma, no seu linguajar sem ardores:

As pobres que vêm do inferno da pedra, todo mundo tá com os olhos em cima, porque elas vêm buscar dinheiro, mas essas moças barrigudas daqui mesmo, essas moças usadas, ninguém enxerga porque é fia de fulano...

Será então a festa das “mulheres” um grande rito anual de expiação, com vistas à purificação da aldeia, já que sempre foram poucos os padres que apareciam para absolver os pecados?

A capela passou tempos sem padre, Já teve padre querendo fechar as bodegas no dia da festa, “inclusive o pessoal diz que ele era da Caucaia”, um outro era partidário do *farniente* espiritual, “não reunia o povo, não fazia nada, apenas chegava, celebrava, fazia o sermão dele, ia embora”, lembra Zé Ribeiro. Ocara teria se conservado assim, fora do catolicismo apostólico romano e de sua sistematização doutrinal, reverenciando santos na ausência de padres, rezando terços na falta de missas. Frente a esse clima de relativa indiferença litúrgica, a Igreja procura atualmente “arrumar um pouquinho” e pôr cada um em seu lugar: “essa festa nunca foi religiosa, ela começou assim para a criação do cemitério”, desabafa Padre Eudásio. De fato, tudo começou com os finados.

Regina, moradora da Vila São Marcos, sabe da história toda que lhe foi contada pelos velhos da cidade. Foi nos idos de 1914, quando Ocara era ainda distrito de Aracoiaíba e chamava-se Jurema, nome da fazenda do coronel João Felipe Correia, onde a capela foi construída. Depois, na década de vinte, os irmãos Dodó, uns dos primeiros moradores do lugar, resolveram construir um cemitério para os mortos da região: “Começaram a pedir na vizinhança ajuda para construir o cemitério e

faziam leilão no dia 1º de novembro”.<sup>13</sup> A festa já teve grandes chefes de noitada como o finado Zé Lopes, que trazia uma carrada de prendas da Lagoa do Riacho e grandes emoções como as primeiras festas dançantes de radiola:

Era muito animado porque não existia diversão nenhuma e quando a radiadora chegava aí, que botava a primeira música, quem tava no roçado apanhando algodão, ficava tudo doido.<sup>14</sup>

Enquanto isso, os finados iam chegando, povoando jazigos e túmulos, marcando o seu espaço numa lápide caiada de branco ou de azul ou levantando a areia num último suspiro de anjo.

Quem morria no Piancó quase três léguas, vinha se enterrar aqui. Vinha de manhazinha com a rede, botava um pau nos ombros e trazia o defunto balançando, um pra lá outro pra cá, até chegar no cemitério.<sup>15</sup>

Hoje, a sanfona substituiu a radiola, já tem outros cemitérios e cada um se enterra no seu interior. O leilão não existe mais, mas a festa continua, “tradicionou-se”. De mais de vinte léguas ao redor, é gente que chega, familiares e conhecidos, promovendo um “finado animado que faz gosto”. Quando veio para cá, em 1955, Dona Alzira estranhou muito “porque lá no nosso cemitério, lá de Vazante, a gente via o povo chorando, aqui via dançando”.

Na aldeia dos finados, as reflexões perante a morte e a existência *pos mortem* não se dão nos termos desejados pela Igreja: “Os que morre, a gente não vê mais, mas os vivos, a gente só se encontra no cemitério. É lá que se pode rever as pessoas.”<sup>16</sup> O movimento é incessante e a saudade dos finados acaba se confundindo com a saudade dos vivos.

Alguns andam por dentro do cemitério à procura de um túmulo invadido pelo mato, outros namoram sentados numa lápide, um bêbado descansa, abraçado a um cruzeiro, muitos rezam o terço e acendem velas, fazendo brotar da sombria morada uma primavera vacilante e noturna. É a vigília dos forasteiros.

Sem receio de ser excomungado, seu Bento compara a animação da sua brincadeira imoral com a afluência de gente ao campo da morte:



É iluminado, bem bonitinho. Vai esperar a noite lá que a senhora vai ver o que é movimento. É o movimento melhor do que tudo no mundo. Até aqui, no curral, ainda é pouco, mas no cemitério é geral. E outra coisa: de meia noite em diante meu coração fica lá no cemitério, só ta aqui o corpo, mas o coração tá lá, pensando no meu povo que morreu.

O “pombal das primas” participa dessa reverência coletiva aos mortos, pois a fronteira é fraca e a distância é pouca entre um recinto e outro. O tempo é um só. Na terra se desfaz a carne até o osso, da terra os corpos emergem. Nem religião nem profanação, simplesmente festa:

Festa, o cearense faz por missão sagrada, por obrigação ao santo, para que o mundo continue a mover-se e a vida a se reproduzir. Porque alegria cura os males do corpo e até do espírito. Daí que promessa a São Gonçalo se paga dançando, a Santo Antônio bebendo cachaça e a São Pedro jogando flores no mar. [...] Reza-se pelos finados fazendo amor num cajueiral e festa no cemitério de Ocara.<sup>17</sup>

Impulso de vida e transgressão da ordem, o orgasmo rebate a nossa transitoriedade com sua força bruta. Cerimônia propiciatória? Resquícios de crenças milenares “na influência simpática dos sexos sobre a vegetação, que levaram certos povos a entregar-se a suas paixões como meio de fertilizar a terra?”<sup>18</sup> Impulso de vida ou desvio do horror da morte? Simples empreendimento comercial? Batalha do sobreviver e do “dar de comer aos filhos”? Ficamos incertos entre o trivial e o magnífico.

Enfraquecimento da fé ou religião reinventada? Ocara nos revela a originalidade do sentimento religioso de um povo que não se deixa amortalhar pelo grande silêncio tumular. A festa de Finados sugere “arquétipos novos para a nossa perspectiva em que ainda predomina a tradição ocidental, num continente efetivamente mestiço de cultura”.<sup>19</sup> Ocara nos evoca Comala, a cidade de Pedro Páramo, no México de Juan Rulfo. Nessa terra onírica, o povo se ajeita diretamente com Deus, sem se preocupar com os registros do padre. E os mortos tem a decência de vir se despedir dos vivos, mesmo depois de enterrados.

No universo muito real de Ocara, ninguém perde a festa, com ou sem eucaristia. O padre quase se desculpa de querer officiar a missa e seu Bento afirma que Deus não se incomoda com a sua iniciativa. Enquanto o poeta do

lugar, Zé Mitoca, se diz “não muito ligado a santo e com medo de finados”, o zelador do cemitério afirma: “eu não tenho medo de alma, eu tenho medo dos vivos, né?”<sup>20</sup> É que, depois de enterrados, os defuntos se manifestam ainda. A alma de um rapaz apareceu a uma mocinha de Ocara, exigindo que o horário da missa de finados fosse trocado. O padre não cedeu e mandou recado: “diga a essa alma que qualquer coisa converse comigo, né?”.

A familiaridade com os finados, os mortos que dão palpito, que vão e vêm, lembra a visão da morte transmitida pelos poetas populares na literatura de cordel. A morte não é percebida na sua dimensão trágica. Ela deixa de ser irremissível para se tornar provisória. A sua realidade física não é levada em conta. A morte é evocada mas não o cadáver, o morto guarda a sua identidade social e vai para eternidade como turista metafísico. A fronteira é fraca entre o mundo terrestre e o além. Quantas vezes Lampião, herói incansável e invencível, não foi mandado para o céu ou para o inferno? E sempre voltou.

Em Ocara, os finados se recusam a ser pura memória, fazem acontecer e promovem festas, como se tivessem encontrado a vida depois que a perderam. Os mortos são presentes, mas não é o sentido trágico da morte que os envolve. Fala-se deles, fala-se com eles. A morte não é escamoteada, como acontece em muitas sociedades urbanas e industriais do primeiro mundo, em virtude de um hedonismo de supermercado. A morte mata, mas é morte benigna, que não separa de vez vivos e mortos. Se é ou não uma forma de mentalidade arcaica, não sabemos responder, mas por certo, algo irracional e indefinível que ajuda a viver.

## NOTAS

- 1 Ocara: criado município, desmembrado de Aracoiaba de acordo com a Lei nº 11.415, de 28/12/1987. Ocara é palavra da língua tupi para designar palco, terreiro ou terraço da aldeia ou taba. Limites: Chorozinho (norte); Morada Nova (sul); Cascavel (leste) e Aracoiaba (oeste). População: 16.067 (estimativa de julho 1989). Padroeiro: Santo Antônio. Dados do Anuário do Ceará 1988/1989. Editado por Dorian Sampaio. Fortaleza: Stylus Comunicações. Conforme regionalização do Estado do Ceará, a região administrativa 8 é composta pelos municípios de Acarape, Aracoiaba, Aratuba, Barreira, Baturité, Capistrano, Guaramiranga, Itapiúna, Mulungu, Ocara, Pacoti, Palmácia e Redenção. Conforme regionalização de IBGE, a microrregião do Chorozinho



- é formada pelos Municípios de Barreira, Chorozinho e Ocara. In SEBRAE/CE. *Perfil sócio-econômico/serviço de apoio às micro e pequenas empresas do estado do Ceará*. Fortaleza: Ed. SEBRAE/CE, 1999, p.11
- O perímetro urbano do Município de Ocara definido através da Lei nº38/90 de 26 de janeiro de 1990 é composto pelas comunidades de Vila São Marcos, Outro Lado, Boa Esperança, Prainha e Centro.
- 2 ALVES, Maria Auricelia. *Finados: a alegria dos vivos*. Monografia do Curso de Especialização em Metodologias do Ensino de História. Centro de Educação – CED. Universidade Estadual do Ceará – UECE. Fortaleza, 2005.
  - 3 Padre José Eudásio do Nascimento Flores, originário de Canindé, nomeado há três anos (1986) na sede paroquial de Nossa Senhora das Graças em Ideal. Residência alternativa em Ideal, Curupira e Ocara (capela de Santo Antônio); 1990. Todas as entrevistas foram realizadas pela equipe de pesquisadores do projeto *Atlas das festas e folguedos populares do Ceará*, da Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Ceará, nos anos de 1989 e 1990. Daqui para frente, qualquer depoimento citado remete a essa série de entrevistas, não havendo mais necessidade de repetir essa nota explicativa, apenas indicar o ano de referência: 1989 ou 1990.
  - 4 Regina Celi Correia, moradora da Vila São Marcos, 1989.
  - 5 Francisco Françui Correia, agricultor, mora em Ocara, 1989.
  - 6 Bento Evangelista de Lima, 52 anos, nasceu na Paraíba. Tem como profissão: fazer tijolos. É radicado em Ocara desde 1970, dono e responsável da “zona” do cajueiral desde 1987. Entrevista: 1990.
  - 7 ARIÈS, Philippe. *Essais sur l'histoire de la mort em Occident du Moyen Age à nos jours*. Paris : Ed. du Seuil, coll. « Points Histoire », 1975, p. 21-35.
  - 8 ARIÈS, Philippe. *Essais sur l'histoire de la mort em Occident du Moyen Age à nos jours*. Paris: Ed. du Seuil, coll. « Points Histoire », 1975, p. 79. Tradução minha.
  - 9 Francisco Françui Correia, agricultor, mora em Ocara, 1989.
  - 10 Maria da Conceição Marcos. Filha de Francisco Correia Marcos, o Chiquinho Marcos nascido em 1922 em Ocara. A família toda é de Ocara, 1990.
  - 11 José Ribeiro, integrante da equipe de finanças da paróquia. Ocara, 1989.
  - 12 Maria da Conceição Marcos: filha de Francisco Correia Marcos, o Chiquinho Marcos, nascido em 1922. A família toda é de Ocara. Entrevista: 1990.
  - 13 Regina Celi Correia, moradora da Vila São Marcos, 1989.
  - 14 Francisco Françui Correia, agricultor, mora em Ocara, 1989.
  - 15 Francisco Françui Correia, agricultor, mora em Ocara, 1989.
  - 16 Alzira Fernandes de Oliveira, originária de Vazante, frequenta a festa desde 1955. Entrevista: 1989.
  - 17 BARROSO, Oswald. “Santa folia festeira” In: CHAVES, Gilmar (org). *Ceará*

- de corpo e alma*. Um olhar contemporâneo de 53 autores sobre a Terra da Luz/organizador. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Fortaleza, CE: Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), 2002. p. 177. Devo ao trabalho de Auricelia (nota 2) ter lembrado o belo artigo de Oswald Barroso.
- 18 FRAZER, Sir James George. *O ramo de ouro*. São Paulo: Ed. Círculo do Livro, p. 65.
  - 19 RULFO, Juan. *Pedro Páramo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. Cf. Apresentação de Eliane Zagury.
  - 20 Simão Adelino Fernandes, sessenta anos, coveiro e zelador do cemitério há quatro meses, mora em Ocara desde 1942. Entrevista: 1990.